



Foto: Thiago Cavalcante

[Marcelo Neri debate “O capital no século XXI” e redistribuição de renda no Brasil](#)

A trajetória recente da distribuição de renda no Brasil é umas das exceções ao cenário lançado pelo economista francês Thomas Piketty no livro “O capital no século XXI”, afirmou o ministro Marcelo Neri, da SAE/PR, durante mesa redonda realizada na última sexta-feira, 22, na Fundação Getulio Vargas (FGV), em São Paulo. Neri destacou que a desigualdade sobe em dois terços dos países do mundo, mas cai no Brasil.

Apoiado em estatísticas públicas, o ministro ressaltou que a desigualdade apontada pelas pesquisas domiciliares brasileiras caiu e que seus cálculos sobre os dados internacionais reunidos por Anthony Atkinson mostram uma correlação muito próxima entre o movimento das bases tradicionais e o das bases tributárias analisadas por Piketty.

Neri explicou que é preciso “separar a foto do filme” para analisar o Brasil: a fotografia atual mostra o país com o 18º pior índice de Gini do mundo, mas o filme aponta uma forte redução da diferença de renda entre brasileiros ricos e pobres nos últimos dez anos. De acordo com dados do Censo, a desigualdade caiu em 80% dos municípios brasileiros de 2000 a 2010.

Segundo o ministro, a desigualdade salarial segue em queda de forma que a mediana dos rendimentos do trabalho cresce 6% nos últimos 12 meses, já descontada a inflação. Em 2014, a desigualdade no mercado de trabalho continua caindo, mês a mês. “Até julho o índice de Gini cai que

nem um relógio, 0,1 ponto a cada mês de 2014, o que constitui a maior queda dos últimos dez anos”, afirmou Neri, com base em cálculos a partir dos dados mais recentes disponíveis.

Com base em cruzamentos de características de moradias com aluguéis pagos e recebidos, reportados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), o ministro mostrou que também cai no Brasil a desigualdade do principal componente no estoque de riqueza das pessoas, que é o capital residencial e o correspondente fluxo de serviços e rendas que ele gera. De 2009 a 2012, a desigualdade de renda da propriedade caiu mais que a desigualdade da renda total.

“O que mais valorizou no Brasil foram os domicílios precários, na periferia, na área rural. Entre os 5% mais pobres, de 2003 a 2012, a valorização imobiliária foi de 78% contra 37% da média. Entre trabalhadores com renda individual até um quarto do salário mínimo, foi de 90%”, destacou Neri.

O ministro também mostrou, em tabulações do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF), o aumento da participação dos trabalhadores na renda total e a queda da participação dos rentistas, consistente com as contas nacionais e com a taxa de juros real abaixo do nível histórico. Entre 2007 e 2012, a renda per capita na Pnad cresceu 23% reais, mais do que o produto interno bruto (PIB). Nesses cinco anos, combinando o aumento populacional e a formalização, a renda total declarada no IRPF cresceu 50% reais. Esse crescimento foi maior nas unidades da federação e nas ocupações profissionais com menor renda, o que fez cair as desigualdades entre estados e entre grupos ocupacionais na base do IRPF.

Para compreender bem a dinâmica da desigualdade, segundo o ministro, é importante combinar as informações de todas as fontes disponíveis. Nenhuma delas fornece a informação completa, mas as pesquisas domiciliares são as mais abrangentes. Bases tributárias são importantes porque contêm mais informação sobre rendas altas e ativos financeiros, mas não cobrem toda a população e computam pelo valor histórico os principais componentes do capital: imóveis, ações e veículos.

“As pesquisas domiciliares são as bases fundamentais, que buscam pegar todo mundo. A essas bases você vai acoplando a visão dos ricos, com o IRPF, da renda do capital. Desigualdade mede distância entre pessoas. Você tem que ter todo mundo, por definição. Se você pegar uma base de dados restrita a priori, não vai conseguir medir desigualdade. A Pnad é a grande angular. O IRPF é uma objetiva que vai permitir focar e dar destaque aos mais ricos e à renda do capital. É um quebra-

26/08/2014

cabeça, com várias peças ainda por preencher, mas que permite ver desigualdade em queda naquelas peças já captadas, inclusive as do IRPF”, resumiu o ministro.

Além de Neri, participaram do debate o professor emérito da FGV/EAESP, Luiz Carlos Bresser Pereira, o professor do departamento de Economia da FGV/EAESP, Marcos Fernandes, e Samuel Pessoa, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia e colunista da Folha de S. Paulo.

notícia 8:55 26/08/2014

<http://www.sae.gov.br/imprensa/noticia/materias/ministro-debate-o-capital-no-seculo-xxi-e-redistribuicao-de-renda-no-brasil/>